

EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NO DISCURSO DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL¹

Ana Cláudia Bortolozzi MAIA²

RESUMO: A sexualidade e a educação sexual de pessoas com deficiência visual são ainda temas poucos estudados no campo da Educação. O objetivo deste estudo foi investigar a sexualidade e educação sexual de deficientes visuais, por meio de uma entrevista com uma mulher adulta, cega de nascença, para posterior análise de conteúdo temática. Trata-se de uma pesquisa descritiva-qualitativa, tipo estudo de caso. As seguintes categorias foram descritas nos resultados: (1) Conceito de sexualidade, (2) Educação Sexual, (3) Deficiência e Sexualidade, (4) Questões sociais e preconceito. Os dados obtidos ratificam outros estudos evidenciando a existência de preconceito social, mitos sexuais, educação sexual omissa ou com informações superficiais e dificuldades predominantemente psicossociais, e não orgânicas, em relação à sexualidade. Conclui-se que a sexualidade e a educação sexual são questões importantes que devem ser consideradas na educação geral de pessoas com deficiências.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Educação sexual. Deficiência visual.

Introdução

A deficiência é um fenômeno social, isto é, embora ocorra no corpo, é no contexto social que ela é julgada como um “desvio” ou algo “desvantajoso” (EDWARDS, 1997; MITCHELL; SYNDER, 1997; SIEBERS, 2008) e, como afirmou Goffman (1988), algo estigmatizante. Esse estigma da deficiência “marca” a pessoa e se torna, como diz Amaral (1995), um obstáculo para vários aspectos sociais, inclusive os relacionados à sexualidade.

A sexualidade é um fenômeno amplo que se expressa nas práticas sexuais, desejos, sentimentos, pensamentos e atitudes a partir de diferentes contextos culturais e momentos históricos (BOZON, 2004; DANIELS, 1981; MAIA, 2006). Isto quer dizer que a sexualidade não se restringe às questões sexuais e genitais e na resposta sexual, mas no modo como a pessoa sente, compreende e vive as questões afetivas e sexuais que aprendeu ao longo da vida em seu contexto social (ANDERSON, 2000; BLACKBURN, 2002).

A sexualidade é, portanto, construída historicamente (FOCAULT, 1988). Nesse processo, a educação sexual, por meio das pedagogias sexuais, como os discursos leigos, religiosos, midiáticos etc, é um modo pelo qual as pessoas aprendem sobre os valores sexuais

¹ Este texto resulta da revisão teórica da pesquisa realizada com auxílio da FAPESP: “Sexualidade e Inclusão: análise da afetividade e da saúde sexual e reprodutiva em pessoas com deficiência” (Processo 2011/07400-9).

² UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências - Departamento de Psicologia. Bauru – SP – Brasil. 17033-360 - aclaudia@fc.unesp.br

que situam as pessoas em relação à sua sexualidade e a de outros (FIGUEIRÓ, 2006; MAIA, 2004, 2006; RIBEIRO, 1990; WEREBE, 1998).

Neste sentido, toda pessoa é dotada do potencial para sentir desejo, excitação e orgasmo independentemente de ter uma deficiência visual ou não; a deficiência visual em si não compromete a resposta sexual, mas pode comprometer as questões psicológicas e sociais da construção da sexualidade quando se aplicam estereótipos e mitos sobre a sexualidade da pessoa com deficiência (MAIA, 2006, 2008) num processo que chamamos de Educação Sexual. A Educação Sexual é um processo amplo e assistemático, que ocorre em todas as instâncias sociais (MAIA, 2006; RIBEIRO, 1990; WEREBE, 1998). Nesse processo geral, há outro modo de educação sexual que seria aquela planejada e organizada, especificamente com a finalidade de informar e orientar em sexualidade, principalmente sobre as questões de prevenção em saúde sexual. A essa educação chamamos de “educação sexual intencional e programada” (MAIA, 2004; RIBEIRO, 1990; SAYÃO, 1997) e ela ocorre, em geral, nas escolas, principalmente após as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Todavia, muitos profissionais não estão preparados para lidar com essa educação sexual nas escolas (FIGUEIRÓ, 2006), ainda mais quando seu alunado tem algum tipo de deficiência (MAIA, 2006).

Vários autores defendem a necessidade de se oferecer educação sexual para pessoas com deficiências (MAIA, 2006, 2008). Lebedeff (1994) e Moura e Pedro (2006) defendem a educação sexual adaptada para pessoas com deficiência visual tanto por parte dos familiares, quanto da escola. Muitas técnicas para facilitar o acesso à informação sexual e à comunicação com deficientes visuais podem ser utilizadas: sistema Braille, gravações em fita, letras ampliadas, recursos que estimulem a percepção do sistema tátil-cinestésico, isto é, aqueles que permitem diferenciar texturas, temperaturas, superfícies que vibram e materiais de diferentes consistências que ajudam no conhecimento de estruturas e formas por meio da manipulação e exploração de objetos (PAGLIUCA; RODRIGUES, 1998).

Há vários mitos sobre a sexualidade e deficiências sustentados por idéias e discursos que insistem em relacionar a deficiência à uma sexualidade atípica e infeliz (ANDERSON, 2000; KAUFMAN; SILVERBERG; ODETTE, 2003; MAIA; RIBEIRO, 2010). Geralmente, esses mitos incluem idéias que são compreendidas de modo generalizado, isto é, relacionam-se quaisquer dificuldades sexuais à deficiência ou relacionam-se as limitações oriundas da deficiência à vida afetiva e sexual (AMARAL, 1995; SILVA, 2006). Essas crenças de uma sexualidade atípica só porque a pessoa tem uma deficiência ocorrem a partir de modelos normativos construídos socialmente, que prometem uma felicidade *idealizada* àqueles que

correspondem aos padrões: branco, magro, heterossexual, com um corpo funcional etc. atingindo diretamente àqueles que vivem com uma deficiência visível e por ela são estigmatizados (MAIA, 2008).

Para Bruns (2008, p.82) a sexualidade da pessoa com deficiência visual “não constitui uma manifestação específica ou diferente, em sua essência, se comparada à dos não-deficientes”. Pensar que seja assim, diferente, reflete um modo preconceituoso de conceber a questão; geralmente, esse preconceito é internalizado pelos familiares e pela própria pessoa com deficiência que tem dificuldades de estabelecer uma boa autoestima e uma imagem corporal que atenda aos padrões socialmente aceitos. Ressalta-se que esses padrões de corpo, beleza e funcionalidade atingem a todos, pessoas com e sem deficiência (AMARAL, 1995; ANDERSON, 2000; KAUFMAN, SILVERBERG; ODETTE, 2003; MAIA, 2006; 2008).

Bruns (2000) analisou a educação sexual de pessoas cegas, por meio de entrevistas com 20 mães de filhos com deficiência visual. Dezenove mães revelaram que não falavam desses assuntos com seus(as) filhos(as) o que, segundo a autora, significava que ao dizerem que não sabem falar “disso”, aquelas mães consideram o assunto algo “proibido” e “censurado”. Além disso, representa também uma visão de assexualidade por parte da família, pois reproduz o estigma de que o deficiente visual é desinteressante e “deserotizado”, embora as dificuldades vivenciadas por essas mães em torno de questões sexuais são comuns entre mães de deficientes visuais e de não deficientes.

Embora a deficiência não interfira na sexualidade de modo direto, ela acaba por ser uma condição estigmatizante que atinge também a construção de vínculos amorosos e sexuais. Bezerra e Pagliuca (2010) estudaram o relato de 5 adolescentes do sexo feminino sobre sexualidade, uma com baixa visão e as demais cegas. As adolescentes relataram que receberam poucas informações sobre sexualidade na escola e da família. Costumam se informar com amigas e pessoas próximas, mas não com familiares. Segundo os autores, quando há orientação de familiares, essa orientação se restringe a informações ligadas à genitália, pois os pais sentem dificuldades em dialogar sobre esse tema. Ainda segundo eles, a família e a escola deveriam participar mais ativamente no preparo da vida sexual das adolescentes. No mesmo estudo, as garotas cegas entrevistadas relataram diferenciar o namoro do ficar, associam o sexo ao amor, embora nenhuma tenha tido ainda relações sexuais. Segundo as autoras, enquanto na população em geral é comum o exercício sexual por volta dos 14 anos, nas entrevistadas isso ainda não havia ocorrido, provavelmente, porque a proteção familiar nesses casos é maior e todas frequentavam uma escola especial, o que

possibilitaria uma restrição social e uma menor possibilidade de troca de experiências e relacionamentos.

Lebedeff (1994) investigou a sexualidade de pessoas com deficiência visual ouvindo 4 mulheres e 5 homens jovens adultos e observou os seguintes aspectos: falta de informação e aprendizado sobre sexo e sexualidade, desconhecimento sobre fisiologia, sobre prevenção as DST/AIDS e métodos contraceptivos, dificuldades de paquerar e conhecer o outro, introjecção de preconceito, por parte do individuo e da família sobre uma crença da assexualidade da pessoa com deficiência. Também percebeu nos jovens um discurso conservador sobre homossexualidade e masturbação, mostrando o pouco dialogo e reflexão que essas pessoas têm, sobre esses temas. A autora também observou no discurso dos entrevistados que eles gostariam de aprender a se relacionar com outras pessoas amorosamente e receber mais informações sobre sexualidade.

Em consonância com a literatura, o objetivo deste estudo foi investigar a sexualidade e a educação sexual por meio do relato de uma mulher com deficiência visual.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva-qualitativa, tipo estudo de caso (CAMPOS, 2000; SPATA, 2005). Todos os procedimentos éticos foram respeitados. Esta pesquisa teve parecer favorável de um Comitê de ética e a participante foi informada e esclarecida sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, tendo aceitado participar dela.

Participantes: uma mulher adulta, cega de nascença. O critério de inclusão era ser cega e adulta e ter participação voluntária na pesquisa. Na pesquisa ela será chamada pelo nome fictício de *Juliana*.

Procedimento: a coleta ocorrer por meio de uma entrevista semi-estruturada. Essa entrevista havia questões norteadoras e também foi testada em estudo piloto para aperfeiçoamentos necessários. Toda a interação verbal foi gravada e transcrita para análise de conteúdo temática, tal como propõe Bardin (1979).

Resultados e discussão

Juliana é uma mulher adulta, com cegueira total devido a um glaucoma congênito; sua deficiência não é hereditária e ela tem 4 irmãos, todos videntes. Seu relato foi organizado em categorias e serão descritas e discutidas, a seguir:

Conceito de sexualidade

Sexualidade para a Juliana é uma questão natural e individual. Ela compreende a sexualidade como algo orgânico sem perceber as considerações sociais de sua construção, tal como afirmam os autores Anderson (2000), Blackburn (2002), Bozon (2004) e Daniels (1981). Todavia, ao considerar a sexualidade como um aspecto importante na sua vida, faz menção às relações sociais, evidenciando que as relações afetivas e relacionais são tão presentes na construção da sexualidade como os aspectos sexuais.

“Bom, sexualidade é algo individual, de cada um, é um tema transversal que se está debatendo muito ultimamente, mas... é algo que deve ser encarado com naturalidade, pois é o próprio de cada pessoa, algo natural do ser humano, afinal de contas, vivemos isso desde que nascemos, enfim [...] penso que é algo particular”. [...] A sexualidade é importante, claro que é, na vida de todos nós, porque isso influencia no nosso contato com o outro, todos necessitamos viver a sexualidade, falar sobre isso com naturalidade.”

Educação sexual

Juliana conta que não recebeu esclarecimentos necessários sobre sexualidade por parte dos familiares, nem por parte da escola. A educação sexual não intencional e intencional deixou a desejar; a família, segundo Juliana, foi omissa e a escola ofereceu informações muito superficiais e essas não eram adaptadas às suas necessidades, digo, foram oferecidas de modo geral para todos na escola. Esse dado corrobora os encontrados nos estudos de Pagliuca e Rodrigues (1998) e também em Bezerra e Pagliuca (2010).

“Ah! Meus pais viam isso como um tabu, nunca tive aconselhamentos, não se debatia isso com eles. [...] E na escola eu e os colegas recebemos informações muito superficialmente.”

Perguntada sobre como aprendeu sobre as diferenças do corpo feminino e masculino tendo uma infância sem o sentido da visão, ela conta que havia muita fantasia, pois tudo era

desconhecido. Aprendeu de fato com a experiência na relação sexual e na troca de informações com amigas, o que também afirmam os autores Lebedeff (1994) e Moura e Pedro (2006).

“Eu não enxergava, só via luz e vultos na infância e só fui ver a diferença [sobre os sexos] quando conversava com minhas amigas sobre isso e quando tive minha primeira relação sexual. [...] O que eu achava era pura fantasia, nada a ver.”

A educação sexual em todos os casos é uma necessidade fundamental para o ser humano. Todos têm direito ao esclarecimento sobre sexualidade. No caso de Juliana, esse aprendizado deveria ser feito com recursos especiais, uso de livros em Braille, figuras em relevo, modelos anatômicos etc (MAIA, 2006; 2008; PAGLIUCA; RODRIGUES, 1998), mas nem a família nem a escola se preocuparam com isso.

Deficiência e sexualidade

A deficiência, segundo ela, não afeta a sua sexualidade, corroborando Bruns (2008). Sente-se bem com o copo que tem especialmente porque ele corresponde aos padrões de estética vigentes (magreza), padrões estes impostos a todos como defendem Blackburn (2002), Maia (2008), Soares, Moreira e Monteiro (2008) e Werebe (1984). O conceito de beleza para a participante é algo pessoal (interior), mas também do aspecto físico.

“Beleza é algo interior, é o que cada pessoa me transmite interiormente, é claro também, alguém que se cuida, cuida com a forma de falar, cuida do seu aspecto físico [...]. Nunca me preocupei com meu corpo, pois sempre tive o corpo que gostaria de ter, mais magrinha, não tenho problemas com ele.”

Segundo Juliana, ela é heterossexual, já namorou e teve relacionamentos sexuais. A sedução para um cego, segundo ela, ocorre no diálogo e no sentido do tato. Bezerra e Pagliuca (2010, p.583) afirmam que as jovens cegas também querem “descobrir a própria sexualidade e encontrar meios adequados para expressar seus impulsos sexuais e vivenciar relacionamentos afetivos”. Diz Juliana: “Se paquera conversando..atrai e é atraído(a) pelo cheiro, pelo toque das mãos, pela conversa”.

Ela conta também que a maioria dos seus parceiros sexuais e amorosos é cega como ela, e avaliou isso como algo ruim porque um vidente poderia lhe proporcionar melhores

condições. O relacionamento com um vidente lhe traria vantagens sociais, todavia, foram ao pares igualmente deficientes que a respeitaram mais como alguém independente.

“A maioria dos meus namorados infelizmente eram cegos (risos). Videntes querem proteger demais e não gostam muito de sair com a gente em público, mas um namorado vidente pode me proporcionar muito mais podemos passear de carro, podemos passear de carro, sair mesmo que esteja chovendo, é mais pura realidade.”

A vida reprodutiva é algo pensado por Juliana. Ela tem vontade da maternidade, mas também reconhece as limitações e as dificuldades que pode encontrar. Isso mostra que a pessoa com deficiência pode e deve ser capaz de escolher pelo planejamento familiar e ter informações para decidir sobre ele, como afirmam Pagliuca e Rodrigues (1998).

“Sim, quero filhos, mas ainda faltou coragem... Me preocupo em ter que levá-lo ao médico, pra escola, pra passear, acho que dá muuuito trabalho”.

Questões sociais e o preconceito

Segundo Juliana, a barreira que a deficiência impõe na vida dela é social, mais do que orgânica. São as questões de acessibilidade e o preconceito que colocam a pessoa com deficiência em desvantagem social e não a limitação visual em si mesma. Esse relato reforça a posição que defende os autores Edwards (1997), Mitchell e Synder (1997), Omote (2008) e Siebers (2008).

“Na minha vida profissional não me afeta muito, a não ser para me locomover, pois a cidade é inteira esburacada. O grave problema está na cabeça dos ditos normais que, quando não têm medo que você tome o lugar deles, não acreditam na nossa capacidade.”

No caso de Juliana, a socialização relatada é ampla e não restrita a pares igualmente deficientes, como Blackburn (2002) e Vash (1988) afirmam ser algo comum de acontecer; envolve amigos videntes com quem ela mantém relações saudáveis de amizade, provavelmente devido aos processos de inclusão que só têm revelado vantagens para toda a sociedade (ARANHA, 1995).

“acredito que eu faço os meus amigos, com a minha forma de ser, me aceito como sou, então meus amigos de verdade precisam me aceitar assim

também. Como freqüentei sempre escola do ensino comum tendo apenas reforços no ensino especial, tenho mais amigos videntes, ou melhor, é quase que o mesmo número, videntes ou cegos.”

O preconceito é percebido por Juliana até mesmo entre os próprios familiares (BEZERRA; PAGLIUCA, 2010). Relata na mãe uma postura de superproteção e cuidados que podem atrapalhar a busca pela autonomia e independência. Maia (2010) e Sorrentino (1990) afirmam que os familiares, muitas vezes, podem dificultar o processo de emancipação de pessoas com deficiência.

“Nunca sofri preconceito das famílias deles [dos namorados], apenas minha mãe que não aceita nenhum deles ate hoje (risos). Moro no mesmo terreno da casa dos meus pais, mas em casa separada, sozinha. Acho que ela tem medo que eu sofra (risos), coitada, ainda não aprendeu que é só sofrendo que conquistamos a felicidade (risos).”

Também a sociedade reproduz a idéia de assexualidade, refletindo a falta de informação sobre o assunto, mesmo com uma deficiência que diretamente não afete em nada o sexo, como é a deficiência visual. Autores como Kaufman, Silverberg e Odette (2003), Maia (2006) e Sorrentino (1990) lembram que a idéia de que pessoas com deficiência são assexuadas persiste porque se alimenta a figura dessas pessoas como sendo dependentes e infantis.

“As pessoas precisam tirar das mentes essa idéia de que pessoas com deficiência não tem sexualidade quando vêem um casal de pessoas com deficiência juntos, acham um absurdo ou acham a coisa mais linda do mundo, sendo que isso é a coisa mais normal entre duas pessoas que se amam precisam entender que quando há uma pessoa com deficiência e outra sem, namorando, não pensem que a pessoa sem deficiência está se aproveitando da pessoa com deficiência. Vocês podem pensar que isso não existe, mas existe e muito, apesar de estarmos no século XXI. Vê a pessoa do lado do cego e pensam que é tudo dele, menos namorada!”

Juliana percebe o preconceito social quando as pessoas não lhe dão crédito, a discriminam e demonstram sentimentos de piedade. Segundo Moura (1992) a pessoa com deficiência não é nem “coitadinho”, nem “super-herói”, mas alguém que merece ser tratado com respeito e dignidade, como qualquer ser humano.

“Percebo, me afeta quando me tratam como a pior das criaturas, como se não tivesse capacidade nem de falar! [...] Algumas pessoas tratam um cego como a pior das criaturas, isso já aconteceu comigo muitas vezes. Exemplo: ‘Coitadinha, tão bonitinha e cega, ô dózinho’. Ou quando falo em algo em

uma reunião da diretoria da associação de cegos daqui e aparece uma mãe de aluno e diz: ‘há há há risos... que gracinha ela falando!’”

Considerações finais

Nossa participante relata questões importantes sobre a relação da sexualidade e deficiência. Muitos dados reforçam o que outros estudos já encontraram: preconceito social, mitos sexuais, uma educação sexual omissa ou informações superficiais, dificuldades psicossociais e não orgânicas em relação às questões da sexualidade. A sociedade inclusiva deveria ser um espaço em que a diversidade seja reconhecida em todas as suas dimensões sociais, inclusive em relação à sexualidade e à educação sexual, pois se trata de um direito de todos, também de populações com deficiências.

SEX EDUCATION AND SEXUALITY IN THE SPEECH OF A PERSON WITH VISUALLY IMPAIRED

ABSTRACT: *Sexuality and sex education for visually impaired people are still a few subjects studied in the field of Education. The aim of this study was to investigate sexuality and sex education of the visually impaired, through an interview with an adult woman, blind from birth, for further analysis of thematic content. It is a descriptive-qualitative case study. The following categories were described in the results: (1) Concept of sexuality, (2) Sexual Education, (3) Sexuality and Disability, (4) Social issues and prejudice. The data confirm other studies showing the existence of social prejudice, sexual myths, no sex education or sex education with superficial information and difficulties predominantly psychosocial and not organic in relation to sexuality. We conclude that sexuality and sex education are important issues that should be considered in the general education of people with disabilities.*

KEYWORDS: *Sexuality. Sex education. Visually impaired.*

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)**. São Paulo: Robe Editorial, 1995. (Série Encontros com a Psicologia).

ANDERSON, O. H. **Doing what comes naturally?** dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities. USA: High Tide Press, 2000.

ARANHA, M. S. F. Integração Social de Deficiente: análise conceitual e metodológica. In: _____. **Temas em psicologia**. São Paulo: SBP, 1995. p.63-70.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1979.

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.44, n.3, p.578-583, 2010.

BLACKBURN, M. **Sexuality & disability**. Oxford: Butterworth Heinemann, 2002.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual (1ª a 4ª série)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BRUNS, M. A. Deficiência visual e educação sexual: a trajetória dos preconceitos ontem e hoje. **Benjamim Constant**, Rio de Janeiro, v.6, n.17, p.24-30, 2000.

_____. **Sexualidade de cegos**. Campinas: Átomo, 2008.

CAMPOS, L. F. L. **Métodos e técnicas de pesquisa em Psicologia**. Campinas: Alínea, 2000.

DANIELS, S. Critical issues in sexuality and disability. In: BULLARD, D.; KNIGHT, S. **Sexuality & physical disability: personal perspectives**. Missouri: Mosby Company, 1981. p.5-17.

EDWARDS, M. L. Constructions of Physical disability in the ancient greek world - the community concept. In: MITCHELL, D.T.; SNYDER, S.L. (Ed.). **The body and physical difference - discourses of disability**. Michigan: University of Michigan, 1997. p.35-50.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

KAUFMAN, M.; SILVERBERG, C.; ODETTE, F. **The ultimate guide to sex and disability - for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness**. 2.ed. Califórnia: Cleis Press, 2003.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo com o toque: reflexões e sugestões para uma educação sexual adaptada ao portador de deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.1, n.2, p.31-37, 1994.

MAIA, A. C. B. A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física. **O portal dos psicólogos**, Portugal, 2010. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. Enxergando através do amor: deficiências sensoriais e sexualidade ou o amor e os sentidos. In: ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B.; ALMEIDA, T. (Org.). **Sexualidade, cinema e deficiência**. São Paulo: Livraria Médica Paulista, 2008. p.121-137.

_____. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2006.

_____. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004. p.153-179.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, 2010.

MITCHELL, D. T.; SNYDER, S. L. Introduction - disability studies and the double bind of representation. In: MITCHELL, D. T.; SNYDER, S. L. (Ed.). **The body and physical difference- discourses of disability**. Michigan: University of Michigan, 1997. p.1-31.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.2, p.220-226, 2006.

MOURA, L. C. M. **A deficiência nossa de cada dia: de coitadinho a super-herói**. São Paulo: Iglu, 1992.

OMOTE, S. Diversidade, educação e sociedade inclusiva. In: OLIVEIRA, A. A. S.; OMOTE, S.; GIROTO, C. R. M. **Inclusão escolar: as contribuições da educação especial**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008. p.15-32.

PAGLIUCA, L. M. F.; RODRIGUES, M. L. Métodos contraceptivos comportamentais: tecnologia educativa para deficientes visuais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.19, n.2, p.147-153, 1998.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual: além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

SAYÃO, R. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**. São Paulo: Summus, 1997. p.107-117.

SIEBERS, T. **Disability theory**. Michigan: University of Michigan, 2008.

SILVA, L. M. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p.424-561, 2006.

SOARES, A. H. R.; MOREIRA, M. C. N.; MONTEIRO, L. M. C. Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.185-194, 2008.

SORRENTINO, A. M. **Handicap y rehabilitación: una brújula sistêmica en el universo relacional del niño com deficiências físicas**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

SPATA, A. **Métodos de pesquisa:** ciência do comportamento e diversidade humana. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

VASH, C. L. **Enfrentando a deficiência:** a manifestação, a psicologia e a reabilitação. São Paulo: Pioneira, 1988.

WEREBE, M. J. G. Corpo e sexo: imagem corporal e identidade sexual. In: D'AVILA NETO, M. I. **A negação da deficiência:** a instituição da diversidade. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1984. p.43-55.

_____. **Sexualidade, política e educação.** Campinas: Autores Associados, 1998.